

Existe vida além



da Democracia?

por Crimideia

Existe vida além da Democracia?

por Crimideia

O que poderia existir além da democracia?

Hoje em dia, a "democracia" rege o mundo. O Comunismo caiu, e as eleições acontecem até nos países ditos subdesenvolvidos no chamado terceiro mundo, e líderes mundiais se reúnem ocasionalmente para ditar os rumos da "Comunidade Global" da qual tanto ouvimos falar. Então, por que não estamos finalmente felizes? Por que menos da metade da população dos Estados Unidos, terra símbolo da democracia, se incomoda em votar? Será que a "democracia", que perdura como lema em tantas revoluções, não seja suficientemente democrática? O que poderia ser mais democrático então? Toda criança pode crescer e ser presidente, não? Não, não pode. Ser presidente implica estar em uma posição hierárquica de poder, parecida com a de um bilionário: para cada presidente que existe devem haver milhões de pessoas sem o mesmo poder. Exatamente a mesma coisa com um bilionário. Por isso que não é coincidência que ambos presidentes e bilionários se protejam entre si, pois vêm de um mundo privilegiado fora de nossos limites. Nossa economia também não é democrática: os recursos são distribuídos em proporções absurdamente desiguais, assim que deves ter muitos recursos tanto para ser um presidente como para poder ter ainda mais recursos.

Inclusive, se fosse verdade que qualquer ser humano de um país democrático pudesse vir a se tornar presidente, isso não ajudaria as outras milhões de pessoas que não seriam e viveriam à sombra desse poder. Essa é uma barreira estrutural intrínseca à democracia participativa que ocorre tanto em nível local como em nível global. Por exemplo: a Câmara Municipal, cheia de "políticos profissionais", se reúne para discutir assuntos sobre a cidade e aprovam medidas o tempo todo – medidas que não são consultadas aos cidadãos que devem estar em seus empregos na mesma hora. Quando uma dessas medidas causa inconvenientes e transtornos a alguns de seus cidadãos, não parece prático para tais cidadãos estar na câmara para contestar essas medidas em seus tempos livres, para depois não poder estar novamente presentes quando outras medidas estejam sendo decididas em nome deles. Os moradores de uma cidade podem eleger um governo municipal diferente entre a oferta disponível de políticos, mas os interesses e poderes da classe política e dos que não são dessa classe provocarão um conflito novamente. E as lealdades partidárias e outras superstições políticas usualmente já estarão em pé e se manterão constantes assim que uma nova figura tomar cargo.

Se não houvesse presidente, nossa "democracia" não seria menos democrática. Haveria corrupção, excessos e hierarquias que este sistema se perpetraria em manter por uma minoria no comando protegida pelos privilégios econômicos. A democracia tem uma falha em sua própria natureza.

Ditadura da maioria

E se você desse conta que faz parte de uma grande minoria mas uma maioria votou que deves renunciar a algo que fosse imprescindível para a vida - como a água ou o ar que se respira -, você aceitaria? Quando se chega a essas instâncias, precisamos nos perguntar se realmente devemos acreditar na autoridade de um grupo simplesmente porque estão em número maior que os demais. Acabamos aceitando a decisão da maioria porque não a vemos como uma ameaça, e aqueles que vêm acabam silenciados antes que possamos ouvir suas dúvidas.

Nenhum "cidadão padrão" se considera ameaçado pela maioria porque cada um se vê a si mesmo com o poder e a "autoridade moral" dessa maioria. Tanto na prática - por isso são vistos como "normais" e "moderados" - como na teoria - porque suas ideias estão "corretas" -, quer dizer que acreditam que todos estariam convencidos da verdade de seus argumentos se os ouvissem realmente. Uma democracia regida pela maioria descansa na convicção de que se os feitos são claros, todos poderiam ver que só há um curso de ação. Sem essa crença, nos levaríamos à uma ditadura da manada. Mas este não é o caso, ainda assim se "os feitos" estivessem claros para todos - o que é impossível, dado que algumas coisas não podem ser acordadas por haver mais de uma verdade -, necessitaríamos de uma democracia que tomasse essas situações em conta, para podermos ser livres por um lado da turba que elege ser a maioria e por outro da ascendência da classe privada.

O estado de direito...

...e a proteção que ele oferece com seu capital e créditos não é suficiente para estabelecer a democracia. A lei "justa e equitativa" como é fetichizada por aqueles cujos interesses protege - acionistas na bolsa de valores ou proprietários, por exemplo - não protege ninguém do caos ou da injustiça; simplesmente cria outro cenário de especialização onde o poder de nossas comunidades é cedido à caros advogados e pomposos juizes. Os direitos da maioria são os últimos a serem protegidos por esses créditos e capital, já que o poder está reservados para os que têm o privilégio de aproveitá-los muito mais do que os que estão abaixo deles. Sob essas condições, só alguns grupos estão habilitados para usar as cortes judiciais para fazerem valer seus direitos por poder aplicar suficiente pressão em forma de influência financeira e retóricas enganosas.

Não há uma maneira de estabelecer justiça em uma sociedade através da mera redação e execução de leis: essas leis só podem institucionalizar o que já é uma lei acordada em sociedade. O bom senso e a compaixão são sempre preferíveis do que aderir à rigorosas leis de um sistema. Onde a lei é controlada por um estrato da sociedade, inevitavelmente se entra em conflito. O que realmente precisamos é de um sistema social que fomente o desenvolvimento de seus membros e se recompense na prática. Para criar tal coisa, devemos abandonar a "democracia" representativa por uma democracia cheia de participação.

Não é coincidência que a "liberdade" não está impressa em nenhuma nota

A liberdade não é uma condição, é algo mais parecido a uma sensação. Não é um conceito para se prometer lealdade nem uma causa para se servir ou uma bandeira para se marchar detrás. É uma experiência que devemos viver todos os dias senão de outra maneira se escapa de nossas mãos. Não é a liberdade que está em jogo quando as bandeiras esvoaçam e as bombas são lançadas pelos aviões para "fazer do mundo um lugar seguro para a democracia". Não importa a cor das bandeiras (que ainda sim são negras!). A liberdade não pode ser presa ou contida em nenhum sistema estatal ou em qualquer doutrina filosófica, e certamente tampouco pode ser forçada ou "dada" a outros. O máximo que poderia fazer é libertar aos outros de certas forças, os prevenindo delas através de uma busca interior própria. A liberdade aparece em momentos frágeis: nas crenças das crianças, na cooperação de um grupo de amigos que viajam por conta própria de mochileiros, em trabalhadores que se recusam a acatar as ordens de um sindicato e organizam sua própria greve sem líderes. Se quisermos sermos realmente lutadoras e lutadores da liberdade devemos começar a comprometer-nos a perseguir e apreciar esses momentos para expandi-los, as invés de estarmos presos servindo algum partido ou ideologia.

A liberdade real não tem lugar em uma eleição. A liberdade não significa estar habilitado a escolher entre opções dadas, mas sim em participar ativamente em dar forma às opções em primeiro lugar, criando os ambientes onde se geram essas opções. Sem isto, não temos nada. Sempre nos dão as mesmas opções nas mesmas situações, toda vez. E nós acabamos tomando as mesmas decisões predeterminadas. Se não somos os participantes do contexto no qual surgem as opções, então jamais seremos parte real da decisão. E quando algo vem a aplicar seu poder sobre nossas vidas para poder modificá-las, nada poderá "representar-nos", porque é algo que devemos fazer por nós mesm@s

Olha! Uma urna!

Se a liberdade pela qual tantas gerações lutaram e morreram é exemplificada da melhor maneira por uma pessoa entrando em uma cabine e digitando números numa máquina que mostra as caras daqueles que se devem eleger para depois voltar à sua vida onde ela não terá mais o controle sobre a situação, então a herança que nossos antepassados emancipadores e avós sufragistas nos deixaram não é mais que um falso substituto da liberdade que tinham em mente realmente.

Para uma melhor ilustração da verdadeira liberdade em ação, deveríamos observar a um músico no momento que improvisa com seus companheiros. Alegres, em uma cooperação sem esforço, elxs criam ativamente um ambiente sonoro emotivo onde existem e participam na transformação de um mundo que também os está transformando. Pegue este modelo e aplique-o em cada uma de nossas relações com os demais, e terá como resultado algo qualitativamente diferente de nosso sistema atual: uma harmonia entre as relações humanas e as atividades, uma democracia real. Para chegar aí devemos deixar de pensar que votar é uma expressão exata de liberdade e participação.

A democracia representativa é uma contradição em si mesma

Nada pode representar teu poder e teus interesses por ti. Só você sabe quais teus interesses pelo fato de só você estar envolvido neles. Os políticos fazem sua carreira sob o argumento de que representam as pessoas, como se fosse possível de que eles fossem donos da liberdade e poder político. Hoje, inevitavelmente, se tornaram uma classe que só responde por si mesma, como sempre foram os políticos profissionais e como sempre serão.

As eleições são uma expressão de nossa impotência. É a aceitação de que só podemos aproveitar os recursos e capacidades de nossa própria sociedade através da mediação dessa casta de políticos. Quando deixamos que pré-fabriquem nossas opções por nós, deixamos o controle de nossas comunidades nas mãos destes políticos, da mesma maneira que deixamos as invenções e descobertas aos cientistas, a nossa saúde somente aos doutores, o meio ambiente aos urbanistas e "especialistas" e assim terminamos vivendo em um mundo que nos é alheio. Ainda que nosso trabalho sirva para construí-lo, é um mundo no qual estamos como mortos-vivos hipnotizados pelo monopólio que nossos líderes e especialistas ajustaram previamente com suas opções disponíveis.

Na prática, não devíamos apenas escolher entre candidatos à presidência, marcas de cerveja, ONGs, programas de televisão, jornais ou ideologias políticas. Podemos fazer nossas próprias decisões como indivíduos ou comunidades. Podemos produzir nossas próprias bebidas, nossas formas de agir, nossas próprias revistas e publicações, nossos próprios entretenimentos. Podemos sim criar nosso redor unicamente da maneira que a vida nos dará uma perspectiva individual intacta. É assim que se faz.

E quais são as alternativas democráticas à democracia?

Consenso

A democracia radicalmente participativa, também conhecida como democracia de consenso, é conhecida e praticada em vários lugares no mundo. Desde os povos originários da América Latina até células de ação política pós-modernas norte-americanas às cooperativas agrícolas na Austrália. O contrário da democracia representativa é uma democracia direta: os participantes compartilham o processo de fazer uma decisão e através de uma descentralização do conhecimento e da autoridade são capazes de exercer um controle real sobre suas vidas diárias. Diferente de uma democracia regulada pela maioria, esta valoriza as necessidades e preocupações de cada indivíduo por igual: se uma pessoa não está feliz com um resultado então é responsabilidade de todos encontrarem uma nova solução que seja aceita por todos. A democracia participativa não obriga que qualquer pessoa aceite o poder das demais sobre sua vida, mas requer que todos considerem as necessidades dos outros. O que se perde em eficiência se ganha muito mais em liberdade e boa vontade. A democracia participativa não pede a ninguém para que se tenha um líder ou que se conformem sob uma causa comum, em troca, serve para integrar todos em um todo enquanto te permite encontrar metas e métodos próprios para fazer as coisas.

Autonomia

Para que a democracia direta tenha sentido as pessoas devem ter controle sobre seu entorno imediato e aos assuntos básicos de sua vida. A autonomia é simplesmente a ideia de que ninguém está mais qualificado do que você mesmo para decidir de que maneira você vive, e que ninguém deveria ser capaz de te dizer o que tu faz com teu tempo e teu potencial, ou como o ambiente em que tu vives deveria ser moldado. Não se deve confundir com a chamada “independência”. Na atualidade, ninguém é independente porque nossas vidas sempre dependem dos outros – “O homem ocidental enche sua despensa de produtos do supermercado e se sente capaz de chamar-se autossuficiente”. A independência é um mito individualista que nos distancia das possibilidades de viver coletivamente. A moda da “autossuficiência” na sociedade atual – que sufoca de tão extremamente competitiva – constitui na real um ataque àqueles que não buscam a competição e acaba sendo útil para obstaculizar a construção de uma comunidade forte, separando cada um no seu nível “autossuficiente” de consumismo. Em contraste a esta visão ocidental, a autonomia é uma independência livre entre aqueles com quem compartilha um consenso e com os que atuam livremente para estabelecer em cooperação uma autoadministração da vida.

A autonomia é a antítese da burocracia. Para que seja possível, todos os aspectos da comunidade, desde a tecnologia até a história devem ser organizadas de maneira que sejam acessíveis à todos e todas.

Os grupos autônomos podem estar formados sem necessariamente estabelecerem uma agenda clara, enquanto ofereçam aos seus membros formas de beneficiar a participação dos demais: o coletivo Crimideia, o movimento Dadá e outros pequenos pontos no tecido do passado e presente são evidência disso. Tais grupos podem inclusive conter suas contradições, como cada um nós como indivíduos, e ainda assim servir à nosso propósito. Os dias de marchar levando uma só bandeira terminaram.

Os grupos autônomos têm como base os objetivos de defenderem-se contra as usurpações daqueles que não creem nos direitos que têm os indivíduos de governarem-se a si mesmos, e em expandir o território da autonomia e consenso fazendo tudo ao seu alcance para destruir as estruturas das sociedades daninhas (incluindo aquelas que acreditam na “democracia” representativa) e substituí-las com estruturas democráticas mais radicais. Por exemplo, não basta apenas bloquear, sabotar ou destruir uma via asfaltada que causa ruído e destruição ambiental mas é necessário também prover transporte livre como bicicletas, centros de reparo comunitários e formas alternativas de mover-se. Se quisermos ajudar outras pessoas a substituir relações autoritárias e competitivas da dependência automobilística, precisamos buscar uma alternativa operacional e autônoma de transporte.

Ação direta

A autonomia requer ação direta e de não esperar que as escolhas passem pelos “canais estabelecidos” para não se encherem de burocracias e negociações sem fim. Estabeleça seus próprios caminhos. Se quiser que quem tenha fome coma, não apenas dê dinheiro a uma organização caritativa e pronto; procure algum lugar onde os alimentos são desperdiçados, colete-os e alimente as pessoas. Se precisas de um local para viver e não pode pagar, não espere que o sistema te dê uma casa que pode tardar anos em chegar enquanto as pessoas continuam vivendo na rua; ocupe edifícios

abandonados e compartilhe-os, organize grupos para defenderem-se dos ataques de capangas e dos ausentes proprietários que possam aparecer. Se quiser que as corporações tenham menos poder, não fique pedindo para que os políticos ponham limites em seus próprios chefes; procure maneiras de trabalhar com outros para minar o poder deles: não compre seus produtos, não trabalhe para eles, sabote suas propagandas e edifícios, atrapalhe reuniões de chefões ou o caminho para a entrega de suas mercadorias. Eles usam táticas similares para exercerem seu poder sobre ti; e isso só parece justo porque eles compraram as leis e os costumes sociais também.

Não espere a permissão de uma organização com um chefe, não mendigue poder para organizar a vida.

Aja.

Federações sem líderes

Os grupos autônomos independentes podem trabalhar juntos em federações sem terem uma autoridade em particular; soam como utópica mas podem ser práticas e eficientes. O correio internacional e muitas operações em ferrovia são trabalhos que ambos operam neste sistema. A gestão do povo curdo no Curdistão Sírio também, com representações dos vários interesses de seu povo em diferentes esferas. Para dar outros exemplos: enquanto o correio normal e outros sistemas de transporte são internamente hierárquicos, todos cooperam entre si para que se chegue as cartas e que os passageiros viajem até seus destinos, sem que nenhuma autoridade central seja imprescindível. De maneira similar, alguns indivíduos podem não se colocarem em acordo em quantidade suficiente em ideias mas podem trabalhar juntos ao final. Um coletivo pode ser capaz de mostrar a importância de coexistir com outros grupos. Para que estas coisas ocorram necessitamos semear valores de cooperação e tolerância para as próximas gerações.

Como resolver desacordos sem chamar as “autoridades”?

Em um acordo social que represente o interesse de cada indivíduo participante, a exclusão da comunidade dever ser ameaça suficiente para desencorajar o comportamento violento e destrutivo. Certamente é um acordo mais humanitário do que autoritário, como são as prisões ou execuções, que corrompe promotores e carrascos ao mesmo tempo em que amarga a vida dos criminosos. Aqueles que se recusarem a interagirem com a comunidade e rejeitam assistência e generosidade alheia podem acabar sem muita interação humana, o que é todavia melhor que um exílio em um manicômio ou a linha de fuzilamento – duas opções latentes para muitos seres humanos hoje em dia. A violência deveria ser usada unicamente na defesa da comunidade mas não sob o pretexto do juízo divino como se aplica em nosso sistema judicial atual. Isto se aplica também com a interação dos grupos autônomos com o “mundo exterior” que não aprova os valores cooperativos e tolerantes.

Sérios desacordos entre comunidades podem ser resolvidos em muitos casos reorganizando-os ou dividindo-os em grupos. Muitas vezes, os indivíduos que não se deem bem em certa configuração social, terão mais êxito cooperando em outra parte ou como membro de comunidades paralelas. Se não se chega a um consenso em

grupo, este grupo deverá se dividir em grupos menores que logrem cooperar internamente. Isto pode ser inconveniente e frustrante à primeira vista mas é melhor do que ter a decisão coletiva tomada por aqueles que tenham o poder e a crueldade à sua disposição. Todas as comunidades independentes todavia terão interesses internos que devam coexistir pacificamente e encontrarão caminhos para negociar e resolver isso.

Viver sem permissão

...é a parte mais difícil, afinal. Nós não falamos de mais um sistema social mas de uma revolução nas relações humanas, porque isso será o que resolverá os problemas que nossa espécie encara hoje em dia. Não nos enganemos: até que isso não se cumpra, a violência e a luta nas relações sem consenso continuarão e nenhuma lei ou sistema será capaz de nos proteger. A melhor razão para superar a democracia representativa é simplesmente a que na democracia participativa não há falsas soluções, não há formas de suprimir um conflito sem resolvê-lo e ainda sim aqueles que participam devem aprender a coexistir sem compulsão, submissão e todos estes hábitos horrendos de que estamos tão cansados na nossa sociedade atual.

As primeiras sementes deste novo mundo podem ser encontradas em nossas amizades e em nossas relações amorosas. Quando estas são livres das relações de poder, a cooperação ocorre naturalmente. Levar esse modelo e expandi-lo ao total da sociedade: esse é o mundo onde há vida além da democracia, que nosso coração pede a gritos hoje.

Pode soar como um objetivo impossível de chegar, mas o maravilhoso sobre a autonomia é que não tens que esperar que um governo faça algo para aplicar estes conceitos: pode praticá-los agora mesmo com as pessoas e a sociedade que o rodeia e conseguir o benefício imediatamente. Uma vez que ponha isto em prática, as virtudes desta forma de viver vão ser claras para os outros que não mais necessitarão ficar apontando exemplos externos quando se experimenta de maneira tão próxima.

Forme teus próprios grupos autônomos, não responda a nenhum poder além do seu, e crie um entorno onde se persiga a liberdade e a busca de nós mesm@s. Se teus representantes não fazem por ti – porque não podem fazê-los por ti -, que seja estas as sementes da democracia real do futuro.

Daqui em diante, exporemos nossas demandas e reclamações e eles se recusarão a reconhecer os problemas dizendo que já “deveríamos estar agradecidos por viver em democracia” e responderemos assim que “não é suficiente”... mas saibamos claramente o que queremos em troca desde nossa própria experiência.

Então, em quem quer que queira em quem votem para nos governar, saberão que somos ingovernáveis.

Existe vida além da democracia?
por Crimideia

Editado e trazido para o português por BDRNA
Visite-nos na internet em: baderna.noblogs.org

Brasil - 2017

Esta publicação não é apenas tinta em um papel.
Leia, analize, discuta e difunda.

Hoje em dia, a "democracia" rege o mundo. O Comunismo caiu, e as eleições acontecem até nos países ditos subdesenvolvidos no chamado terceiro mundo, e líderes mundiais se reúnem ocasionalmente para ditar os rumos da "Comunidade Global" da qual tanto ouvimos falar. Então, por que não estamos finalmente felizes? Por que menos da metade da população dos Estados Unidos, terra símbolo da democracia, se incomoda em votar? Será que a "democracia", que perdura como lema em tantas revoluções, não seja suficientemente democrática? O que poderia ser mais democrático então? Você se sente representado(a)?

Quem nos representa?

Há um problema estrutural na própria ideia da "democracia representativa".

E é sobre este(s) problema(s) que discutimos aqui.

